



Projeto Mário Travassos

Conto

Maria, uma criança!

Fabio Andres Fagundez Castilho - Cap
(Texto de inteira responsabilidade do autor)

2023

Maria, uma criança!

Fabio Andrés Fagundez Castillo

Os seus pais tinham planejado a sua vida com detalhes – a ideia era tentar, depois de sair da guarnição especial onde estavam morando atualmente, ir para um lugar que pudesse oferecer uma melhor estrutura de apoio de saúde, para que a gestação ocorresse de forma segura e tranquila, próximo à família.

Heitor era militar do Exército, com dez anos de serviço ativo. Era casado com Lucimara, que tinha concluído sua faculdade e, por opção, decidira interromper seus estudos para poder acompanhar o marido em sua empreitada.

Heitor e Lucimara tinham se conhecido ainda quando ele estava no seu curso de formação, com 19 anos, e Lucimara cursava faculdade de Pedagogia, com a mesma idade. Ambos sempre tiveram o sonho de ter filhos, e ele sempre imaginou que deveria esperar um pouco para realizar esse desejo:

A ideia era simples: ir para guarnição especial a fim de conseguir uma vantagem financeira que pudesse dar início ao projeto de uma casa própria e retornar ao fim do período mínimo de permanência. Lucimara e Heitor estavam entusiasmados com a ideia, pois se mostravam ansiosos em sair do aluguel e ter um lar próprio, onde seus filhos pudessem crescer e compartilhar bons momentos com toda a família reunida.

Após dois dias de viagem de carro, chegaram à cidade para onde Heitor tinha sido transferido. Era uma cidade pequena, com algumas ruas de terra, e contava com uma infraestrutura de apoio à saúde simples. Algumas coisas eram difíceis de serem encontradas, mas, apesar disso, a população local era muito acolhedora e nutria grande admiração pelo Exército, algo que nunca tinham sentido nos grandes centros. Por onde passavam, as pessoas eram educadas e muito atenciosas, diferente do que observavam nas cidades grandes.

Heitor recebeu uma casa na vila militar para morar, e ali Lucimara e ele tinham feito amigos, o que lhes ajudou a superar a saudade da família. Durante as atividades de congregação, que ocorriam quase todos os finais de semana, Lucimara e Heitor começaram a ter contato com outros casais que já tinham filhos, o que lhes encantava! Ela tinha escolhido fazer Pedagogia porque sempre gostou de crianças.

Após alguns meses na Guarnição, Lucimara recebeu a confirmação de que estava grávida, já no terceiro mês de gestação. Não era o que tinham planejado, mas era uma notícia maravilhosa. Agora, sua rotina iria mudar um pouco, pois alguns exames deveriam ser feitos no hospital que ficava em outra cidade.

Após o sétimo mês de gestação, o casal descobriu de que se tratava de uma menina, e o seu nome já tinha sido escolhido, seria Maria.

Maria já estava sendo esperada. Os seus pais planejaram e montaram seu quarto com entusiasmo. Heitor já tinha planejado suas férias para coincidir com o período de nascimento, e a família deles já tinha comprado as passagens de ônibus para poder acompanhar o nascimento da criança.

Quando Lucimara ia dormir, o casal mantinha a rotina de conversar com Maria na barriga. Quando falam com a bebê, sentiam que ela mudava de posição dentro da barriga, como se quisesse responder às falas do seus pais.

Foi assim que o tempo passou, e o dia da cirurgia de parto finalmente chegou. Após um trabalho de parto prolongado, o semblante do ginecologista bem como da pediatra que acompanhara o parto revelava preocupação. Maria foi retirada e encaminhada em direção a uma sala de tratamento intensivo, para acompanhar a sua evolução. Heitor, que acompanhava o parto próximo a sua esposa, não entendeu o que estava vendo e tentava não transmitir preocupação para ela, pegando na sua mão.

Maria veio ao mundo de uma forma silenciosa, não emitiu o grito de choro inerente a de uma bebê saudável, não movimentava os pés e as mãos e a cor do seu pequeno corpinho tinha um tom azulado. A pediatria, com sua experiência, notou que alguma coisa não estava certa e pediu para que Heitor a acompanhasse até outra sala, enquanto as enfermeiras levavam a bebê imediatamente para outro local, para verificar os sinais vitais e fazer outros exames de triagem neonatal.

Já em uma sala reservada, a pediatra esclarece ao pai que, em virtude do processo de parto demorado, Maria poderia ter passado por um processo de hipoxia neonatal. Ainda acrescentou que iriam fazer mais exames e mantê-la em uma UTI neonatal para ventilação mecânica, a fim de chegarem a um parecer mais fechado.

– O que hipóxia neonatal e que problemas pode acarretar? – perguntou Heitor.

– Durante o parto, possivelmente houve uma redução no intercâmbio de oxigênio materno para o bebê, o que pôde ter causado danos no desenvolvimento neurológico. Essa condição é conhecida como hipóxia-isquemia neonatal e causa danos às células do sistema nervoso do bebê, o que pode provocar problemas motores, paralisia cerebral e até mesmo levar a óbito. Vamos fazer todo o possível para minimizar as consequências negativas dessa situação.

Durante a realização do teste de Apgar, as enfermeiras observaram que o bebê apresentava muito pouca resposta aos estímulos, a sua respiração era lenta e irregular, as pernas

e os braços estavam moles e caídos; por outro lado, apresentava batimentos cardíacos, o que deixava uma pequena esperança de que Maria sobreviveria.

Após meia hora, voltaram a fazer novamente o teste de Apgar e verificaram que Maria tinha apresentado uma evolução: já conseguia movimentar os braços e as pernas, e sua respiração já estava regular, porém lenta. Após outros exames e testes realizados, os médicos buscaram a família para esclarecer o que estava acontecendo de uma forma mais completa.

– A hipóxia neonatal pode resultar em déficits cognitivos, como deficiência visual, auditiva ou intelectual, e motores importantes, a longo prazo. Maria deverá ser submetida, nos seus primeiros anos de vida, a um tratamento de fisioterapia, com o intuito de estimular o desenvolvimento neuropsicomotor e diminuir os prejuízos que podem ter ocorrido durante o trabalho de parto – disseram os médicos.

A pediatra ainda complementou, tentando acalmar a família:

– Quanto mais cedo Maria for submetida a esse tipo de tratamento de estímulo neurológico, mais chances de ocorrer a neuroplasticidade, que é a grande capacidade de nosso cérebro fazer novas conexões para superar danos que possam acontecer como consequência de um acidente, evitando, dessa forma, comprometer processos cognitivos e motores.

Maria ficou seis meses internada na UTI neonatal, realizando, periodicamente, exames que buscavam acompanhar seu quadro evolutivo e tratamentos para estimular seu desenvolvimento.

Após esse período, a família se mudou para onde o pai havia sido transferido. Lucimara deu início a uma nova rotina, de muitos desafios, submetendo Maria ao maior número possível de estímulos sensoriais e de interação social, com intuito de estimular a sua neuroplasticidade e desenvolver sua aprendizagem, com base no que defendiam algumas teorias, como a de Vygotsky. Ela iria colocar em prática tudo aquilo tinha estudado na sua graduação e pós-graduação, acreditando que os danos neurológicos poderiam ser revertidos, contrariando o que alguns neuropediatras prognosticavam para a sua filha, que iria ser sempre dependente de alguém ou iria andar sobre uma cadeira de rodas.

Lucimara e Heitor passaram pelos dramas que todo casal que tem uma criança com necessidades especiais enfrenta: questionamentos e um sentimento de se culpar sobre o motivo pelo qual o fato aconteceu, lembrando as imagens que tinham dos amigos que moravam naquela Vila Militar e levavam seus filhos para brincar, fazendo uma comparação inevitável do que iriam enfrentar no futuro com o que viam naquelas confraternizações. Com o tempo, foram sendo encantados pelo sorriso e o olhar maroto de Maria, que demonstrava interagir com o casal em alguns momentos. Isso lhes dava força e despertava neles o mesmo sentimento de amor que

os seus amigos próximos, que eram pais, também sentiam; ou seja, a condição de Maria não tornava o sentimento do seu amor menor.

Assim, o casal passou da fase de questionamentos à aceitação, buscando uma rede de apoio na família e em amigos próximos, para ajudar a superar as dificuldades de ter uma criança especial e buscar suporte para manter Maria o maior tempo possível em tratamentos de estímulos neurológicos.

– Você é uma supermãe, eu te admiro pela forma como você se dedica a sua filha – uma vez Lucimara ouviu isso durante uma festa de aniversário infantil de outras mães.

– Na verdade, todas nós somos supermães, pois sempre vamos tentar dar o melhor para os nossos filhos – respondeu Lucimara. E ainda complementou: – Na verdade, sou uma mãe atípica, pois sou mãe de uma menina que necessita de cuidados especiais, mas o meu amor por ela é enorme, igual ao de todos nós.

Após os três primeiros anos de Maria, Heitor e Lucimara notaram que a criança não respondia aos seus estímulos de voz. Maria acompanhava visualmente o cachorro do casal, do qual demonstrava gostar, por meio de um sorriso, mas não girava a cabeça quando era chamada pelo nome.

Isso fez com que o casal levasse a criança para uma fonoaudióloga, a fim de apurar se a condição do parto tinha causado alguma lesão na sua capacidade de desenvolvimento auditivo. Após alguns testes, foi comprovado que a menina tinha um grau severo de comprometimento auditivo, portanto sendo diagnosticada com deficiência auditiva. Lucimara procurou um centro educacional especializado, que realizasse a alfabetização de crianças em língua de sinais. A capacidade de neuroplasticidade do nosso cérebro permite que a criança possa desenvolver uma forma alternativa de se comunicar com o mundo e com outras pessoas, por meio de uma língua de sinais.

Lucimara sabia que, conforme pensavam alguns especialistas na área de Linguística, como Chomsky, todos os seres humanos possuem uma janela de oportunidade, forma como se denomina o período em que o cérebro está se desenvolvendo e é potencialmente predisposto a desenvolver a linguagem. Esse conhecimento a levou a buscar com urgência um local para alfabetizar Maria na língua de sinais, já que a menina tinha quase 4 anos.

Quando encontrou um centro especializado, ouviu da profissional que ali trabalhava que era comum crianças surdas filhas de pais oralizados terem uma certa dificuldade em desenvolver a LIBRAS, em virtude do diagnóstico tardio. Contudo, tranquilizou a mãe dizendo que Maria iria aprender a usar LIBRAS e interagir com outras crianças de igual condição, o que lhe traria ganhos positivos na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento cognitivo,

diminuindo os efeitos da situação advinda do parto. Também destacou a importância de os pais assistirem às aulas para também aprender a dominar a língua, que seria a forma como eles iriam se comunicar com Maria a partir daquele momento.

A infância de Maria também foi marcada por outros obstáculos. Além de não poder ouvir, ela sempre enfrentara dificuldades e atrasos no seu desenvolvimento motor. A habilidade em se manter de pé para poder caminhar, mesmo com o apoio de algum objeto, era uma grande dificuldade para ela, assim como a capacidade de sustentar o pescoço e se manter ereta, movimentar as pernas e os braços. Lucimara tinha buscado se informar sobre essa situação com outras pessoas especializadas na área e sempre se mantivera otimista de que os trabalhos de fisioterapia iriam ajudar no desenvolvimento motor de sua filha.

Enquanto uma criança normalmente começa a caminhar com dois anos, aproximadamente, Maria começou a responder ao tratamento de estímulo neurológico e começou a caminhar, com o apoio de um andador, por volta de quatro anos, o que foi comemorado como uma grande vitória. Os pais estavam preocupados e acreditavam que a menina teria que usar uma cadeira de rodas, porém, ao ver seu pequeno avanço, isso revigorou as suas esperanças, acreditando que os estímulos de neuroplasticidade poderiam desenvolver ainda mais a sua autonomia. Apesar disso, Maria deveria continuar seus tratamentos de estimulação, pois a sua psicomotricidade fina deveria ser mais desenvolvida para desenvolver e aprender a língua de sinais.

Após alguns anos de muita dedicação aos trabalhos de estimulação neurológica, que frequentemente requeriam dedicação exclusiva e superação, Maria, com 11 anos, conseguiu caminhar sem o apoio de andador e pôde realizar as tarefas domésticas com autonomia. Ao contrário do que tinha ouvido dos médicos, de que a sua filha poderia não andar ou ter problemas que comprometessem seu desenvolvimento cognitivo e motor, Lucimara acreditou na neuroplasticidade e, com o apoio do seu marido, conseguiu mudar o destino da sua filha.

Além de caminhar, Maria dominava a língua de sinais e se relacionava muito bem com as demais crianças. Algumas brincadeiras, como de corrida ou que exigem uma psicomotricidade fina, ainda são um desafio. No ano que vem, ela irá para o Colégio Militar, e os seus pais estão muito felizes, pois sempre tiveram o sonho de ver a sua filha usando o uniforme garança.